



APRESENTAÇÃO

Nuntius Antiquus v. 15, n. 2, 2019

“Nós precisamos de História, mas precisamos dela
diferentemente de como dela precisa o ocioso
mimado no jardim do Saber.”

(F. Nietzsche, “Da utilidade e do prejuízo da História
para a vida” em *Considerações intempestivas*).

Curiosamente – nesta que talvez seja minha melancólica despedida formal da empreitada, modestamente útil mas inglória, de editar ou coeditar uma revista acadêmica semestral de estudos clássicos e medievais no Brasil (no presente caso, a do ainda jovem Núcleo de Estudos Antigos e Medievais, o NEAM, da Faculdade de Letras da UFMG) –, um número magro como este (e, para variar, já um pouco atrasado) do segundo semestre de 2019 da *Nuntius Antiquus* não foi planejado temática ou metodologicamente, não contendo nem mesmo um dossiê de “recepção clássica” ou “filologia clássica” como em números anteriores, e é não mais do que uma reunião quase aleatória de artigos (que talvez fossem para a genérica seção “*Varia*” de alguns números anteriores) e traduções comentadas que, por um feliz acaso, nos chegaram em quantidade e – o que é mais importante e difícil – em qualidade suficiente ou mínima para compor o exigido oficialmente pelas agências reguladoras.

Mas até isso, que pode parecer muito pouco em uma época em que (já prescindindo do velho papel, da tinta e da impressão) informar-se, escrever e publicar passaram a ser algo materialmente muito fácil, só se tornou possível devido a um lento e sofrido trabalho de formação

de um nome ou reputação ao menos medianos nesta diminuta área de estudos no Brasil ao longo dos últimos dez anos (que necessariamente inclui a nefanda avaliação oficial, mas por felicidade vai um pouco além dela), trabalho que pode ter custado alguns fins de semana ou pedaços de férias e de noites mal dormidas a seus quase anônimos e imprescindíveis revisores e editores, aos quais eu gostaria agora de saudar e celebrar discretamente citando os nomes dos meus dois colegas e amigos da Faculdade de Letras (da UFMG) que foram os corajosos fundadores desta revista, apesar de hoje (bem cansados do trabalho insano e da parca remuneração curricular, pois a literal simplesmente inexistente) já terem se afastado definitivamente dela: o latinista Matheus Trevizam e a helenista Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, que em um primeiro momento contaram também com a ajuda do meu colega e amigo helenista Antonio Orlando Dourado-Lopes e, em uma menor escala, do pós-graduando Carlos Eduardo Gomes, ambos da Faculdade de Letras (da UFMG). Aos quais eu acrescentaria não só o nome do meu colega e amigo helenista Jacyntho Lins Brandão da Faculdade de Letras (da UFMG), co-responsável por dois dossiês sobre Luciano de Samósata, mas também o da colega e amiga do Departamento de Filosofia da FAFICH (da UFMG), Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, que se responsabilizou por alguns dossiês ou números de “Recepção Clássica” da *Nuntius Antiquus* nos últimos e mais recentes anos, assim como o da colega e amiga da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Maria de Fátima Sousa e Silva, em dois dossiês recentes de “Recepção Clássica”, e enfim e mais modestamente – pela organização do dossiê do penúltimo número – o do meu colega e amigo helenista da Faculdade de Letras (da UFMG), Olimar Flores-Júnior.

Que me seja permitida aqui também uma breve digressão para lembrar a importância decisiva (e infelizmente muito mal reconhecida nesta época dos corretores automáticos de “inteligentes” *softwares* de edição textual), para uma publicação em uma área acadêmica de ciências humanas cujo meio e instrumento primeiro e privilegiado de comunicação é a linguagem discursiva, do paciente trabalho de revisão dos textos, uma vez que, vista de mais perto, a distinção entre forma e conteúdo (estas metades reciprocamente complementares de uma mesma “moeda”

incluindo inevitavelmente a escolha vocabular, a formação sintática e o ritmo dado pela pontuação, que conformam basicamente o pensamento expresso em palavras) é demasiado esquemática e grosseira. Talvez um dia, em uma utópica república das letras (cada vez mais improvável em uma sociedade violentamente pragmática que ressentida execra a figura do intelectual e do escritor), além da décima e esquecida musa da tradução (tal como imaginada ludicamente por Walter Benjamin no hoje já famoso ensaio “A tarefa do tradutor”), seja reconhecida também uma undécima e absolutamente “secretária” musa da revisão, que, como os lixeiros, apesar de quase sempre suada e suja devido ao seu incansável e desgastante trabalho noturno, é a responsável anônima e discreta pela limpeza mínima das vias públicas do pensamento discursivo.

Citarei aqui, portanto, os nomes de duas excelentes e discretas revisoras que nos ajudaram muito em nosso trabalho na breve história desta revista, os de Manuela Ribeiro Barbosa e de Tatiana Chanoca para os textos em português, e, em uma escala bem menor, ainda um terceiro nome, o de Marina Pelluci, para os textos em inglês. Para concluir, seria preciso acrescentar também o nome da nossa eficiente diagramadora, Alda Lopes, e o da nossa incansável e paciente secretária, Stéphanie Paes Rodrigues, sem as quais a produção de conjunto desta revista nestes últimos anos jamais teria sido possível.

Enfim, em uma época também de crescente especialização (cujo mais contraditório e surpreendente sintoma é a voga da improvável e difícil interdisciplinaridade), a mera curiosidade ou o simples desejo de manter-se informado, por exemplo, na área dos estudos clássicos e medievais, lendo artigos (ou traduções) de ou sobre autores e temas variados e eventualmente sem nenhuma conexão aparente entre si, como se em um *zapping* digital erudito e diletante, pode ou deve parecer a princípio um irresponsável desperdício de tempo e energia, que, no entanto, ao alargar pouco a pouco o horizonte maior de um repertório histórico, filosófico e artístico-literário, poderia também nos ajudar quase imperceptivelmente a pensar ou repensar melhor a tradição cultural em que estamos situados (estejamos ou não conscientes disso) desde que nascemos e aprendemos a falar uma língua neolatina como a portuguesa.

É, assim, portanto, uma breve mas não desprezível e intensa alegria (como a de um adolescente culto e senil passeando na tarde vazia de um domingo em um parque de dessuetas diversões acadêmicas onde o que estaria em jogo seria apenas sua própria sobrevivência enquanto ser pensante) poder ler e pensar – a partir de pesquisas cuidadosas e de esforços mais ou menos bem sucedidos de formulação de novas hipóteses interpretativas ou traduções – alguma coisa sobre (e abro agora minha concretíssima enumeração caótica final) os cavalos que choram na *Iliada* e em Guimarães Rosa, ou sobre *Medeia* e a rede de conectividade entre a Cólquida e a Atenas do período clássico, ou sobre o gênero e a *performance* nas *Tesmoforiantes* de Aristófanes, ou sobre a *Eneida* de Virgílio como narrativa jurídica, ou sobre a mimética representação sonora das serpentes em Virgílio e Odorico Mendes, ou sobre a representação do feminino nos contos “A matrona de Éfeso” de Petrônio e “O amante no jarro” de Apuleio, ou sobre um trecho importante (para se pensar a arte retórica) de *Do orador* de Cícero, ou ainda sobre os poucos fragmentos que restaram da obra do desconhecido poeta Varrão Atacino. Espero, com todo o meu compassivo coração, que o provavelmente muito ocupado leitor culto acadêmico de nossa época eletrônico-digital encontre também algum tempo livre para que possa desfrutar com prazer (e o ganho de uma possível informação qualificada) de algo presente neste modesto mas minimamente cuidado número.

Teodoro Rennó Assunção
(Editor-geral e organizador
deste número da *Nuntius*)